

Manaus: uma cidade de “carne e osso”

César Augusto Bubolz Queirós*

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto; PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Mundos do trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)*. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

Palavras-chave: urbanização; movimento operário; Manaus.

Keywords: urbanization; labor movement; Manaus.

Nas últimas décadas, a história do trabalho passou por um profundo processo de alargamento e reestruturação que proporcionou um enorme dinamismo a esse campo de estudos. Novos objetos foram incorporados, novas abordagens foram propostas e novas fontes passaram a integrar o repertório do pesquisador ligado a essas temáticas. As barreiras que separavam trabalho livre e escravo, urbano e rural foram (e vêm sendo) gradativamente superadas; a articulação de temas como gênero, etnia e trabalho vem ganhando um enfoque cada vez mais importante, demonstrando um dinamismo e uma originalidade elogiáveis; cronologicamente, os estudos sobre o trabalho se debruçaram sobre novos marcos, avançando para além dos anos de 1930 e adentrando em períodos anteriores à abolição do trabalho escravo. Em outra escala, podemos observar também um alargamento espacial dos estudos sobre trabalho no Brasil que, em especial com a expansão dos programas de pós-graduação, vêm superando a tendência de concentração dos trabalhos nos grandes eixos.

E é especialmente nesse quesito que reside a grande importância da obra de Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro e Maria Luíza Ugarte Pinheiro. Buscando analisar diversas dimensões do universo do trabalho urbano de Manaus durante a Primeira República, em *Mundos do trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)*, os autores se debruçam sobre as experiências dos trabalhadores e trabalhadoras amazonenses. Tal esforço se mostra ainda mais significativo ao percebermos a necessidade de discutir a visibilidade do trabalhador urbano, suas vivências e agruras diante de um conjunto de representações que fazia questão de destacar o “passado grandiloquente” de uma cidade que passara por profundas transformações urbanísticas decorrentes dos lucros provindos da economia gumífera. Diante dessa eloquente ação modernizadora, Manaus, a cidade da borracha, se transformaria na “Cincinnati Brasileira, ou ainda, a Paris dos Trópicos” (p. 11).

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: cesardequeiros@gmail.com

Em artigo publicado, Sílvia Regina Petersen vem insistindo na necessidade de que haja uma maior articulação entre os resultados das pesquisas regionais (entendidas como a história construída nos limites dos estados da federação), a fim de que se atinja um patamar analítico mais elevado.¹ E, nesse sentido, a produção historiográfica amazonense no campo da história do trabalho vem passando por um grande *boom*, tendo nos autores desse livro seus grandes incentivadores e expoentes.² Há dez anos, Luís Balkar Pinheiro já insistia na necessidade de superação das representações estigmatizadas que consideravam a Amazônia (apenas) um espaço de natureza, desumanizado e vazio de cultura para poder fazer ver as “vivências e experiências sociais que partiam de um universo conturbado e conflituoso em que as distâncias sociais engendraram não apenas caminhos diferenciados, mas antagônicos”.³ Devemos salientar que a contribuição dos autores para o alargamento do campo da história do trabalho no Amazonas tem sido contínua e intensa. É necessário destacar, entre outras, a obra *A Cidade sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*, de Maria Luíza Ugarte Pinheiro. Fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 1996, o livro já está em sua terceira edição e busca analisar as múltiplas dimensões dos trabalhadores do porto de Manaus, espaço repleto de tensões e contradições.⁴ Esse dinamismo da produção local no campo da história do trabalho foi constatado por Sílvia Regina Petersen que, em conferência realizada durante a *II Jornada de História do Trabalho na Amazônia*, fez um breve levantamento da produção local, destacando o “crescimento da produção sobre a história do trabalho na Amazônia e [...] a existência de inúmeras temáticas específicas, locais, (como o trabalho extrativista nos seringais ou a mão de obra dos migrantes), como a existência de manifestações locais de temas se repetem em outros estados do Brasil (como o trabalho infantil e feminino, a imprensa operária, escravidão e pós-emancipação etc.)”.⁵

Nesse cenário, o livro se sobressai no sentido de dar a ver não apenas as contradições e agruras evidenciadas em uma cidade cuja modernização apresentava uma face claramente excludente, mas as lutas e experiências associativas de trabalhadores e trabalhadoras que não eram meros espectadores naquele palco de transformações econômicas e sociais. Erguida de forma esplêndida em meio à selva e exibindo uma riqueza que evidenciava um otimismo ufanista, a cidade da borracha era também a cidade dos trabalhadores. Onde eles estavam? Quem se beneficiava de toda aquela riqueza? E qual era o papel das classes subalternas diante daquele quadro de apogeu e declínio da economia do látex? O texto agradável e cativante permite que enxerguemos a vasta experiência de luta desses trabalhadores ao mesmo tempo em que traça um sagaz cenário de uma cidade plural e contraditória, em meio a crises e guerras que afetaram severamente a vida de uma metrópole que não imaginava um baque tão repentino em suas pretensões modernizadoras, mas que, ainda assim, se adaptou e se reinventou.

1 PETERSEN, Sílvia. “Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira”. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 3, junho 1995, p. 129.

2 Como exemplo da produção historiográfica local sobre o campo, ver: PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas*. Manaus: EDUA, 2015; COSTA, Francisca Deus da. *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)*. Manaus: Valer, 2014; TELES, Luciano Everton Costa. *Mundos do Trabalho e Imprensa: a vida operária em Manaus na década de 1920*. Manaus: UEA edições, 2015.

3 PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. “Na contramão da História: mundos do trabalho na cidade da borracha”. *Canoa do Tempo*, Manaus, v. 1, n. 1, jan/dez de 2007, p. 13.

4 PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *A Cidade sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. 3. ed., Manaus: EDUA, 2015.

5 PETERSEN, Sílvia Regina. “Repensar a História do Trabalho”. *Espaço Plural*, Ano XVII, n. 34, 1º semestre 2016, p. 23.

O livro está organizado em cinco capítulos pelos quais desfilam orgulhosamente estivadores, marceneiros, tecelões, domésticas e ambulantes que dividem com o leitor suas vivências pela urbe manauara. No primeiro capítulo, os autores se debruçam sobre o universo do trabalho na cidade da borracha a fim de percorrer os mesmos caminhos daqueles trabalhadores. Enfatizando a importância do peso da herança colonial sobre a construção social da cidade de Manaus, mergulham no século XIX, na Manaus Provincial, para perceber não apenas a já reconhecida importância do migrante nordestino, mas o peso da participação dos trabalhadores negros (livres e/ou escravizados), a significativa imigração estrangeira e a “dependência visceral do braço indígena”. Assim, a cidade da borracha é apresentada ao leitor como uma cidade de “carne e osso” (p. 31), espaço de disputas e contradições que eram vivenciadas por uma população plural e heterogênea que vai se constituir nos agentes de uma cidade em franco crescimento. A cidade da borracha era também a cidade do trabalho, tendo se transformado em uma animada praça comercial onde as atividades ligadas ao comércio e aos serviços eram as que mais cresciam. E, no mesmo ritmo em que a cidade crescia, os problemas urbanos mascarados por uma leitura idílica da “Paris dos Trópicos” se multiplicavam. A cidade da borracha também era a cidade da exclusão, da pobreza e do desemprego. Nesse sentido, os autores enfrentam os problemas urbanos que se avolumavam em decorrência de um acelerado incremento populacional. Pobreza, desemprego, habitação, alimentação e as crises epidêmicas são discutidos no último subtópico do capítulo.

Diante desse cenário marcado por um acelerado crescimento urbano e pelo acirramento das tensões e desigualdades sociais, o segundo capítulo introduz a ação associativa da classe trabalhadora que, em face a uma modernização excludente e desigual, criava estratégias de sobrevivência e enfrentamento. As greves ocorridas no estado do Amazonas já na década de 1870 ganham destaque no capítulo e vão aparecendo por meio da imprensa (em especial, a imprensa operária), que noticiava as aspirações dos trabalhadores e a sistemática repressão policial por eles sofrida já no final do século XIX. A imprensa operária e suas lideranças também são objeto desse capítulo. Os autores ressaltam o tardio mas intenso processo associativo dos trabalhadores do Amazonas. Lideranças operárias como Marcelino da Exaltação Fernandes, editor do periódico *Gutenberg*, são apresentados ao leitor, e os trabalhadores ganham nome e rosto. Do mesmo modo, a imprensa operária atuante no período em Manaus ganha destaque.

O raiar do século XX traz consigo um cenário de otimismo e desenvolvimento que se reflete no mundo do trabalho. Como salientam os autores, as “nuvens negras da crise da borracha [...] ainda não haviam aparecido no horizonte” e o clima era de expectativas diante de um futuro promissor (p. 109). Assim, o terceiro capítulo apresenta ao leitor uma cidade marcada por tensões e contradições, onde a penetração acelerada do capital estrangeiro e a privatização dos serviços urbanos tornavam essa relação ainda mais complexa. Muitas das greves que foram deflagradas nos primeiros anos do novo século tiveram relação com a privatização dos serviços urbanos. Essas contradições levaram a uma aceleração do processo de organização da classe operária do estado, tendo ocorrido o desenvolvimento de associações de classe. Diversas associações e lideranças operárias são apresentadas, tornando visível o intenso empenho para organizar os trabalhadores da cidade.

O quarto capítulo, intitulado “De crise, guerra e greves”, coloca a lente sobre um período marcado pela crise da borracha, com o fechamento de

inúmeros postos de trabalho, e pela Primeira Guerra Mundial. A abrupta queda dos preços da borracha no mercado internacional vai ter um profundo impacto sobre a economia amazonense e a cidade de Manaus vai sofrer violentamente esse impacto. Com sensibilidade, os autores enfatizam o lado humano da crise – já que os efeitos econômicos da crise da economia gumífera são costumeiramente abordados. Entre 1911 e 1918, diversas greves foram deflagradas e os autores dão ênfase às demonstrações de solidariedade entre os trabalhadores. Como exemplo, podemos salientar a deflagração da greve dos carroceiros sem nenhuma demanda específica, apenas em solidariedade à greve dos estivadores, em 1911. Esse capítulo reforça a preocupação que permeia todo o livro de ressaltar o protagonismo das mulheres e sua ativa participação no mundo do trabalho. Todavia, os autores dão ênfase à inédita sequência de greves protagonizada pelas operárias da Fábrica de Roupas Amazonense, nos anos de 1911, 1912 e 1913.

No último capítulo, a conjuntura em tela é aquela que se abre a partir de 1918, já tendo recebido os efeitos da crise da borracha, da Primeira Guerra e, especificamente, da Revolução de 1917. Os autores ressaltam a importância de duas organizações operárias: a União Operária Nacional do Amazonas e o Centro Operário Amazonense, ambas de 1918. Como parte desse esforço de organização da classe operária, ocorre a criação de importantes jornais operários, como o *Extremo Norte* e o *Vida Operária*, ambos criados em 1920. Nesse quadro, a primeira greve geral ocorrida em Manaus, no ano de 1919, ganha destaque. Organizações operárias, suas lideranças, periódicos, greves e todo o empenho em organizar a classe operária amazonense entre os anos de 1918 e 1930 são abordados nesse capítulo, em um diálogo permanente com a historiografia (o que aliás perpassa toda a obra).

Para além da borracha, os autores buscaram dar visibilidade ao trabalhador urbano, suas experiências e lutas em um contexto em que a historiografia tradicional tende a privilegiar o “ouro negro” e seus impactos urbanísticos sobre uma Manaus que sonhava em se igualar às grandes metrópoles, graças aos investimentos do capital internacional e dos lucros advindos da atividade gumífera. Cabe dizer que essa é uma obra de extrema relevância não só para a historiografia regional, mas para a brasileira. Fruto de intensa pesquisa e resultado da maturidade intelectual de dois pesquisadores altamente reconhecidos no âmbito da História Social do Trabalho, *Mundos do trabalho na cidade da borracha* ajuda a repensar a história do Amazonas a partir dos olhos daqueles que, com seu trabalho, construíram a capital dos amazonenses.

Recebido em 22/11/2017
Aprovado em 13/06/2018